

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2014

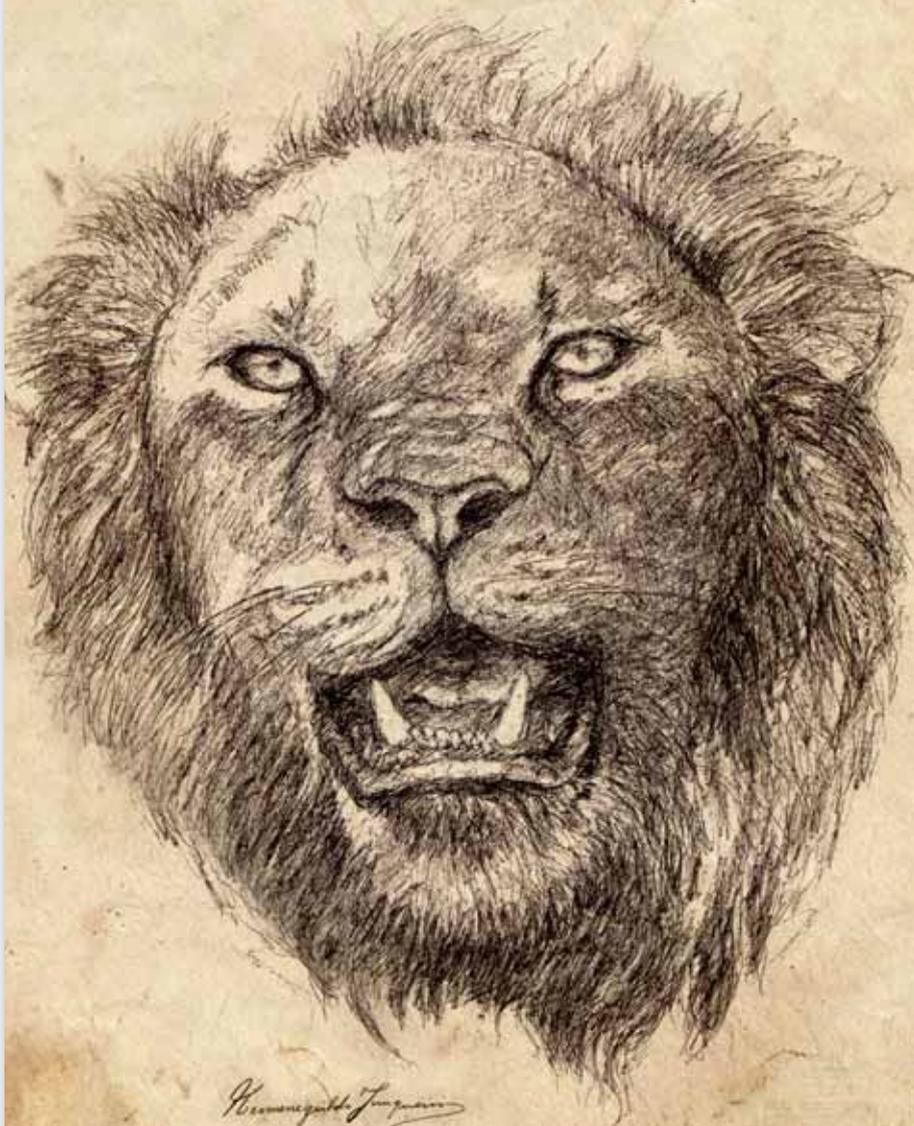
Direitos da edição portuguesa reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Título: *O Velho e o Mato*
Autor: Sérgio Veiga
Ilustrações: Sérgio Veiga
Revisão: Silvina de Sousa
Paginação: Maria João Gomes
Capa: Vera Braga/Marcador
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-108-7
Depósito legal: 377 922/14

1.ª edição: julho de 2014

O Velho e o Mato



Agradecimentos

A quem dedico estas linhas...

Este livro aconteceu de uma breve troca de palavras ao telefone entre mim e João Rosado, pai de um dos meus melhores amigos, o Zé Rosado, colega de aventuras no mar, caçador submarino e excelente pescador.

Disse-me então o Sr. Rosado ser o romance *O Velho e o Mar*, de Ernest Hemingway, a bíblia que sempre o acompanhava por onde fosse, e acrescentou que sendo eu quem era – tal como Hemingway, incondicional amante do mar e do mato –, seria a pessoa indicada para escrever *O Velho e o Mato*.

Como *O Velho e o Mar* foi a primeira obra literária que li enquanto adolescente e que tanto me fascinou, não tive como negar esse desafio.

Por isso tenho a honra e a humildade de dedicar esta pequena obra ao João Rosado, por ter plantado essa semente em mim, a Ernest Hemingway, por ser a fonte viva da minha inspiração, e ao meu saudoso pai, já falecido, Cândido

SÉRGIO VEIGA

Veiga, pois apesar de a história deste livro ser absolutamente ficcionada, baseio-a em factos reais vividos tanto por mim como por ele.

Prefácio

A nossa mãe um dia escreveu...

«Foi numa noite fria, trovejava e chovia, minhas lágrimas à chuva se juntaram, meus lamentos os trovões abafaram e minha alma gemia de dor e agonia de te ver partir. E partiste, regressavas à terra onde nasceste, à terra que chamas tua, tanta alegria sentias de voltar, que nem me sentiste chorar.»

Já recentemente, o nosso pai, com noventa anos, arrastando os pés, velho caçador, revivia tempos de juventude nas novas aventuras. «O Sérgio está no mato? Ou foi à pesca? Vou ver se está a escrever ou a pintar» e repetia, «Quando vem do mato?»

É difícil em tão poucas palavras dizer do Sérgio.

A constante vivência com a natureza torna-o aberto às emoções e aos instintos que nos transportam a este Moçambique cheio de contrastes e cores fortes. São aventuras vividas por ele, familiares e amigos durante décadas, que vão

preenchendo com narrações e momentos aos que de perto lidam com ele.

O Sérgio, quando pinta, está no mar profundo, no nascer e pôr do sol, na floresta, na planície, nos animais e principalmente nas emoções das gentes que por cá e lá habitam.

O Sérgio, quando mergulha ou pesca, é como se pintasse os corais, os peixes, as tonalidades azuis, gentes do mar, lugares onde a luz e a escuridão por vezes se confundem com medos escondidos.

O Sérgio, quando está no mato e por vezes na caça, é como se registasse imagens em câmara lenta e tentasse guardar por mais tempo dentro de si a grandeza da selva, fauna e flora, lutando com a saudade futura, como que a pedir ao tempo que pare e não haja mais alterações.

O Sérgio, quando escreve sobre o mato, o mar e as nossas gentes, na sua simplicidade e talvez alguma ingenuidade, mas com muito saber e sentimento profundo, mistura os ingredientes e dá-nos a receita: «Escrevo o que me vai na alma e para onde me leva o espírito.»

A irmã

Capítulo I

Antes que alguma lágrima o traísse, Junqueiro baixou os olhos, e assim se manteve durante escassos segundos. Depois, quando achou que tinha a emoção controlada, levantou-os e, com a fala lenta que caracteriza quase todos os homens do mato, deixou que o sentimento lhe falasse do coração:

– Meus filhos, meus amados filhos, um dia conheci esta mulher maravilhosa, que tanto amei, minha companheira, a vossa mãe. Amei-a sempre de corpo e alma, e penso que ela também me amou. Foi uma grande mulher, na realidade, tínhamos muitas coisas em comum, mas, como é natural, também tínhamos as nossas divergências. Calculo que muitas devem ter sido as vezes em que ela conseguiu esconder-me o sofrimento, para me dar a sua bênção e ver-me partir para as minhas caçadas sem data de regresso prevista. Foi talvez com ela que aprendi o quanto é importante saber respeitar o espaço de cada um.

Como se podem recordar, foi também a vossa mãe quem vos encorajou quando quiseram deixar o vosso lar e a vossa terra para irem atrás dos vossos sonhos. Ofereceu-vos um sorriso de despedida, mas só eu e Deus sabemos quantas noites passou em claro banhada em lágrimas, foi como se gradualmente perdesse o incentivo pela vida e se deixasse morrer em cada dia que passou. A ansiedade ultrapassava-a. Mesmo quando começou a sentir-se fraca, perguntei-lhe se queria que vos chamasse, mas ela nunca cedeu, nunca quis que prejudicassem a vossa vida em seu benefício, achava que o vosso dever profissional era mais importante do que o seu sofrimento. Como era extremamente religiosa, sempre me disse que, embora fosse nossa a obrigação de criar-vos e educar-vos, o vosso destino pertencia a Deus. E assim cumpriu com a sua crença, agora temo-la aqui, à nossa frente, de olhos fechados, já separada da alma, mas ainda com a serenidade no rosto de quem morreu em paz... possivelmente está no céu, junto ao Senhor, a acarinhar o nosso desalento.

Junqueiro fez uma pequena pausa, mas desta vez não conseguiu conter as lágrimas que lhe saltaram inevitavelmente dos olhos.

– Eu não tive tanta coragem, não sou assim tão forte, nunca aceitei a vossa partida; se cedi, foi apenas por ela, porque, para mim, a minha religião era a família, o que a terra me dá enquanto por cá ando. Talvez fosse o meu egoísmo, mas ganhar o céu era um dia poder fechar os olhos ao lado dela e de vocês, meus filhos. Só que Deus traçou-me outro destino, eu tive de o aceitar, e nem por isso tenho de me lamentar. Como recompensa pela educação com que ela vos criou, tenho três filhos fantásticos, três filhos que não se perderam nos labirintos da vida, três filhos que,

provavelmente, para chegarem onde estão, tiveram de superar barreiras que muitas vezes pareciam intransponíveis.

Depois, como se um relâmpago lhe tivesse passado pela consciência, o velho Junqueiro recordou-se da própria vida e, meio comprometido, passou suavemente o interior do dedo polegar pelo rosto, para tentar limpar uma lágrima que ainda lhe escorria, e continuou com o seu discurso:

– Enquanto somos jovens, a força da vida faz-nos escalar montanhas, mesmo com a idade que tenho, ainda não sei muito bem à procura de quem ou do quê, talvez seja da felicidade, dessa felicidade que por vezes nos passa ao lado ou fica para trás sem nos apercebermos. Porque, na verdade, desde o momento em que abrimos os olhos, entramos em contagem decrescente, iniciamos o caminho que, com mais ou menos percalços, mais tarde ou mais cedo, nos leva ao mesmo fim. É como se a nossa vida fosse preenchida por muitas outras vidas mais pequenas e que em cada tempo, uma a seguir à outra, acabassem todas por sucumbir. Algumas dessas vidas são recordações alegres, mas outras são perdas muito sofridas; porém, todas elas fazem parte do percurso da nossa maturidade, até que por fim um dia, como um fruto maduro que cai da árvore, a terra se abre para nos receber o corpo.

Os três filhos procuravam o rumo das palavras do pai, mas, como um animal ferido que numa floresta cerrada de micasias não perde o sentido de sobrevivência que o leva à água, o velho Hermenegildo Junqueiro também não perdia a direção do que o instinto lhe ditava, e, com a voz serena mas firme, acrescentou:

– Tive de aprender a respeitar o vosso desejo, agora chegou a vez de vos pedir que aceitem o meu, não posso deixar que a penumbra da solidão me impeça de tentar perseguir

a réstia de luz que ainda me deixa sonhar com a próxima madrugada. Hoje é o dia em que procuro ter força para enterrar com a vossa mãe duas das minhas vidas mais sagradas: a de um homem casado e a de vosso pai. Não quero que entendam as minhas palavras com algum ressentimento – precipitou-se Junqueiro a afirmar, perante o olhar cada vez mais espantado dos filhos –, porque vos sinto ainda dentro do meu coração, com o mesmo amor cativo que a vossa mãe me ensinou a ter quando deixou que as minhas mãos desajeitadas de caçador pegassem no vosso corpo nu e frágil acabado de nascer. Desde esse dia, ela fez-me sentir serem vocês a minha continuidade, a minha vida eterna... carne da minha carne, a semente do meu fruto. Mas hoje mais do que nunca preciso de ter a ternura do vosso beijo, o calor do vosso corpo e da vossa alma, nem que seja pela última vez. Quero que me deem um abraço que me aqueça e acompanhe até ao dia em que o sangue quiser parar de correr nas minhas veias. Se Deus escolheu esta madrugada para me tirar a vossa mãe, eu quero pelo menos poder escolher o pôr do sol para me despedir de vocês. Já tenho setenta e seis anos e quero começar a minha caminhada para o meu céu, quero deixar-vos partir para a vossa vida e pedir que também me deixem partir para o que me resta da minha. Vou pegar nos meus blocos de desenhos, nos anzóis, nas minhas espingardas e voltar para as minhas origens, para o lugar onde nasci, para essas terras longínquas e selvagens que, enquanto adolescente, empestaram os meus pés descalços de filárias e matacanhas. Tenho esse desejo, que não me podem negar, meus filhos, porque é lá o lugar onde tenho de me reencontrar com o meu espírito.

Depois de os três filhos se entreolharem, ainda perplexos, um deles esboçou vontade de contestar.

– Não, minha filha – disse Hermenegildo Junqueiro pondo-lhe a mão na boca com carinho –, não me digas nada, porque eu já ouvi o teu coração, abraça-me apenas e dá-me um beijo. Eu sei que não haverias de gostar se soubesses que o teu pai fechou os olhos numa cama qualquer, entre quatro paredes sem cor. Lembra-te do que tinha o teu pai em comum com a vossa mãe: o respeito pelo espaço de cada um. Por favor, não me neguem esse desejo, agora já não conseguiria morrer feliz em nenhuma outra circunstância. Se tu, minha filha, fores tão corajosa como ela, enxuga essas lágrimas e faz o que ela um dia fez por ti e pelos teus irmãos, oferece-me também o teu sorriso, para que eu o possa juntar à minha trouxa, e deixa-me partir. Já tenho barbas brancas, cabelos brancos e muitas rugas no rosto, mas a minha alma ainda está viva e lúcida, é assim que pretendo que tu e os teus dois irmãos se recordem de mim, é essa a imagem que quero que guardem nos vossos corações... na vossa alma, para o resto das vossas vidas.



Hermenegildo Junqueiro abraçou, longa e calorosamente, cada filho, para no dia seguinte ver partir cada um para a sua vida, para o seu destino. Alguns dias depois, como um animal selvagem, solitário e velho que se sente sem espaço na manada, seguiu pelo trilho de volta às origens, andou até onde as florestas de bambu, os embondeiros e o mar cristalino o convenceram a parar.

Capítulo II

Mesmo com setenta e seis anos, Hermenegildo Junqueiro era ainda um homem apumado e robusto, com pelo menos um metro e oitenta e tal de altura, de tez morena, transparecia-lhe um toque de mestiçagem que testemunhava a ocupação árabe do Norte de Moçambique. Tinha uma testa alta e uma cabeleira farta que, com uma ondulação larga, já quase toda branca e meio despenteada, fazia lembrar a juba de um leão. O carisma do rei da selva morava-lhe na alma, tanto na fisionomia como na maneira de ser. Parecia estar sempre relaxado e desatento, mas na realidade não deixava passar despercebido movimento algum à sua frente, e vestia-se de energia logo que a necessidade chamasse por ele. Como um leão que pachorrentamente dormita à sombra de uma micaia de copa rasa acorda o espírito e levanta a cabeça à procura da aproximação de alguma presa, também ele tinha esse olhar penetrante, profundo e longínquo que parecia ultrapassar o próprio horizonte.

Três anos passaram, e Hermenegildo Junqueiro vivia agora numa cabana perto da aldeia de Quiwa, algures junto a uma praia paradisíaca, entre a vila de Palma e o rio Rovuma. Uma terra que os deuses abençoaram, mas onde o diabo espreita.

O mar era translúcido, com tonalidades esmeralda e púrpura a denunciarem tanto a diversidade das profundidades espriadas como os bancos de corais.

As marés cheias mais altas tocavam docemente as bases dos coqueiros e descarnavam as raízes dos embondeiros que, como por milagre, germinaram entre as rochas ali mesmo à beira-mar. Era logo a partir dali também, onde mal acabavam as areias imaculadamente brancas da praia, que começava uma mata selvagem até se perder de vista.

As cores sumptuosas do mar no tempo chuvoso harmonizavam com o despontar viçoso dos tufos de bambu, das palmeiras-bravas e do resto da vegetação. No tempo seco acontece o oposto: as florestas despidas de folhagem, com tons secos e agrestes, contrastam com o pano de fundo das esmeraldas do mar e do azul quase sempre limpo do céu.



Com a necessidade de se isolar da sociedade e de se reencontrar com a natureza, aquele foi o lugar que o seduziu para passar o resto da vida.

Assim que chegou, com a ajuda de alguns novos vizinhos, construiu uma cabana de pau a pique e argila vermelha. Artesanalmente, fez quase todos os ornamentos da casa, desde as cadeiras até às mesas de vara de bambu e ao entrançado de ilala¹ da kitanda² onde se deitava.

O jipe que o levava até ali estava coberto com uma lona e arrumado à sombra de um cajueiro. Pelas dificuldades que tinha em adquirir combustível e balas, as armas de fogo que o acompanharam durante a vida também descansavam a maior parte do tempo, encostadas atrás da porta do quarto.

Agora, quando ia à caça, era até onde as pernas o levavam. Do tronco de uma mangueira enorme, talhou uma almadia, e se escolhia ir ao mar, era também até onde os braços conseguissem remar.

Venturoso, e como única forma de sobreviver, teve outra vez de recorrer à sabedoria dos locais, o que, aliás, ainda não esquecera.

Com um machado, uma catana e uma enxó, tinha engendrado quase todos os meios de sustento alternativos, desde armadilhas para caçar animais bravios até ao equipamento essencial para mergulhar.

Primeiro fez a máscara, raspou um pedaço de vidro numa pedra até o pôr oval; depois, com uma tira larga de borracha de pneu, ajustou-o em redor e com um aro de alumínio apertou-o contra o vidro, impermeabilizando-o. Com uns trinta centímetros de tubo de polietileno do resguardo

¹ Palmeira-brava.

² Cama artesanal com influência árabe.

dos fios elétricos, moldou o respirador, aqueceu-o e curvou-o para que, desde a boca, contornasse o rosto até espreitar atrás da nuca à superfície.

A arma de caça submarina não era menos engenhosa. Esculpiu-a em madeira, desde a cabeça, onde encaixava as borrachas feitas de tiras de câmara de ar, até ao punho, no qual um pedaço de ferro vergado em «s» funcionava como gatilho. Por fim, de um varão de construção, engendrou um arpão, limou-lhe duas reentrâncias opostas na cauda, a primeira mais recuada, para o engatilhar, e a segunda na parte de cima do varão, para encaixar a ogiva que unia as borrachas de propulsão. Aguçou a extremidade oposta, espalmou-a e fez-lhe duas barbelas, para que o peixe depois de arpoado não se soltasse. A finalizar, ao longo do varão, fez correr uma anilha com um cordel relativamente comprido, onde tinha amarrado na outra ponta um garrafão de plástico, a servir de boia.

Junqueiro, embora em moldes distintos, vivia novamente do que a terra e o mar lhe davam.

Onde cresceu, lá no meio do mato, a população tinha-lhe dado o nome de Fundi, o que quer dizer mestre, em suaíli e em várias línguas derivadas do banto. Era um nome que o referenciava por onde passasse, como se as pessoas naturalmente lhe reconhecessem o talento e a sensibilidade artística.

Ali, onde a maior parte da população era macua ou *kimwani*, mesmo sem precisar de se apresentar ou ter muita convivência, também lhe tinham atribuído essa designação.

Já era conhecido pela população daquela nova terra, mas mantinha-se distante, como se quisesse dar tempo ao sol para lhe sarar as feridas. Depois, não era sua intenção fazer

novos amigos, de certa forma estava conformado com a vida que tivera e agora fazia tenções de estar consigo próprio, e com a natureza, até que o seu fim chegasse naturalmente.

Durante o dia, eram os afazeres que o distraíam, do remexer a terra enquanto cultivava à ida ao mar ou ao mato caçar.

Quando o sol se punha, só tinha a noite com quem conversar. Em pensamento, contava-lhe as inúmeras aventuras que vivera e ouvia-lhe a resposta em sonhos. Na maior parte das vezes, à semelhança do resto da população, se o calor apertava, dormia ao relento no alpendre, em frente da cabana. Caía na cama sempre exausto, mas assim que a madrugada começava a querer espreitar, acordava fresco e levantava-se contente por poder viver mais um dia.

Era com o jipe, já a consumir-se em ferrugem, que passava grande parte da manhã; como se lhe atribuísse ouvidos, conversava com ele tentando recordar-lhe um passado distante e saudoso. Todos os dias, mal se levantava, destapava-o, limpava-o com um pano húmido e punha-o a trabalhar. Deixava-o a funcionar por algum tempo, depois olhava-o com ternura, passava a mão pelo volante polido e desgastado pelos anos, e tornava a desligá-lo.

Não havia dia algum que não se recordasse da sua juventude, do pai, da mãe e do velho Rungo.



O pai era um colono que, no princípio do século, depois de vender uma pequena herdade no Alentejo, pegou nas poucas patacas que conseguiu juntar e veio parar a Moçambique.

Mal desembarcou em Lourenço Marques, comprou uma camioneta em segunda mão e fez a viagem rumo ao Norte do país. Assim que chegou à província de Cabo Delgado, deslumbrado com as belezas naturais e travado pela fronteira linguística, decidiu descarregar a camioneta e estabelecer-se.

Alguns diziam que era refugiado político, outros achavam que tinha fugido da mulher, mas o senhor António Junqueiro, alheio aos boatos que o queriam difamar, parecia ter propósitos bem definidos, e, assim que assentou na cidade de Porto Amélia, casou-se com uma mestiça de origens árabe e negra da ilha do Ibo chamada Aíssa Mussa, para juntos se dedicarem ao corte e à exploração de madeiras preciosas.

Para onde fosse, a esposa acompanhava-o. Dizem os espíritos das florestas que, escondido do olhar curioso dos hipopótamos, o pequeno Hermenegildo foi concebido nas águas tépidas do rio Lugenda.

Só depois de o filho nascer, a condição de mãe e dona de casa privou Aíssa de continuar a acompanhá-lo. Mas a semente, que já tinha sido gerada em terras de aventura, ou melhor, em águas revoltas e livres, começou a desenvolver-se.

Desde que se lembra existir, Hermenegildo acompanhou o pai nas digressões ao mato, onde muitas vezes dormiam em tendas, com conforto mínimo, em acampamentos improvisados.

O Rungo, proveniente de Inhambane, além de motorista da sua velha *Bedford*, era o seu braço direito. Praticamente

tudo o que morava naquela camioneta estava ao cuidado dele.

Na realidade, era difícil saber quem tinha nascido primeiro ou quem seria o último a morrer, se o tão bem conservado velho Rungo ou a tão bem estimada *Bedford*. A relação entre ele e a camioneta era tão chegada que parecia bater no peito de ambos o mesmo coração, ou o mesmo carburador.

No banco de trás, embrulhadas num saco de serapilheira, moravam o ano inteiro duas espingardas *Winchester*, uma de calibre 375 e outra de calibre 22. Tal como o macaco mecânico e o resto das ferramentas.

Nas mais densas florestas de bambu onde quase sempre montavam o acampamento para pernoitarem, antes de o sol nascer, o velho Rungo levantava-se e dava início a um ritual que para ele parecia sagrado. Antes de lavar a cara, punha a camioneta a trabalhar... assim que pegava, o escape expelia duas baforadas de fumo negro, a carroçaria chocalhava e o motor começava a roncar ao *ralenti*... rungo, rungo, rungo. Ele olhava para a camioneta com um olhar servil e balbuciava: «Sim, sou eu, Rungo, o teu amigo, o teu tratador.»

Estimava tanto a camioneta que, mesmo quando havia carência de água, pegava num pano e, aproveitando a humidade do cacimbo, deixava-a a brilhar de ponta a ponta. Só depois olhava pela higiene pessoal. Pegava numa lata com água, entornava-a para a outra mão, que a recebia em concha, e esfregava o rosto. Em seguida, com uma raiz de mula-la, escovava os dentes, e estava pronto para as tarefas do dia.

Só então o menino Hermenegildo acordava e, por exigência do pai, lavava a cara e esfregava os dentes, antes de correr para a camioneta e ir buscar a *two two* atrás do banco.

Ganhou-a dele quando passou no exame da quarta classe e, desde então, aquela espingarda passou a ser a sua principal companheira do mato.

Tanto ele como a calibre 22 eram os responsáveis por caçarem algum animal de pequena espécie para o acampamento.

Assim que a tirava do saco de serapilheira, limpava-lhe a poeira, punha-a à cara, apontava para um alvo imaginário, premia o gatilho com suavidade e esboçava um disparo. Fazia todos os dias a mesma coisa. Tal como o velho Rungo, aquele era o seu ritual, como se estivesse a dar-lhe os bons-dias logo que o sol nascia.

Depois atestava o carregador de balas, pegava num chariz feito de chifre de cabrito cinzento, fazia sinal ao Rungo para que o acompanhasse e desapareciam ambos a pé pela picada.

À volta, se não fosse o velho Rungo a carregar com um cabrito-do-mato às costas, na cintura do jovem Hermenegildo pendiam pelo menos duas ou três perdizes, ou uma ou outra galinha-do-mato.

Se o resultado da caça não desse para fazer o almoço, no mínimo o mata-bicho tinha de estar garantido.

Depois de tantos anos decorridos, com as recordações a acompanhá-lo, quase a repetir a rotina que se habituara a ter quando adolescente, outra vez de calibre 22 ao ombro, o velho Hermenegildo Junqueiro ia fazer uma ronda para ver o que as armadilhas lhe tinham oferecido para as refeições do dia.

Agora, ao contrário de quando era jovem, quase não gastava balas, só se precisasse de arrematar algum animal que ainda estivesse ferido ou, caso as armadilhas não tivessem capturado nada durante a noite, de caçar alguma ave para comer.

Numa manhã, quando fazia a habitual caminhada, deu com um facochero fêmea estrangulado num dos laços que tinha armadilhado. Ao lado estava uma cria que, assim que o viu, fugiu, mas, fiel à progenitora, parou logo a seguir a olhar para ela. Incrédula por ver a mãe exposta ao perigo sem fugir, não queria acreditar que ela dormia o sono eterno e nunca mais a iria acompanhar nem proteger.

Sentido com o que via, Hermenegildo levou as mãos à cabeça. Tentou enxotá-lo, mas o animal corria e voltava. Infelizmente, quem anda na caça tem de passar por situações tristes e idênticas a esta. Sobretudo quando se caça com armadilhas, a probabilidade de se matar fêmeas é ainda maior; geralmente a armadilha é preparada consoante a espécie que se pretende capturar, mas não escolhe machos nem fêmeas, e, mesmo assim, nem sempre mata o que se pretende.

Durante a sua juventude, quando começou a caçar com a arma de fogo, situações desagradáveis como aquela aconteceram; muitas foram as vezes que o entusiasmo o conduziu a disparar ao que se mexia. Quando era uma fêmea, se não deixava a cria desamparada, só reparava que estava prenha depois de lhe abrir a barriga.

Com o tempo e a idade, o espírito voraz de predador começou a perder espaço, e, com a experiência, ficou mais seletivo quanto ao que disparava e como caçava. Foi o tempo que lhe ensinou a diferença entre o matar e o caçar. Mas esse tempo não parou, e Junqueiro envelheceu; agora, com setenta e tantos anos, o sentido crítico começou a torná-lo intolerável consigo próprio. Algumas vezes questionava-se se teria de continuar a caçar, mesmo que fosse para sobreviver, ou se, por já existir há tempo suficiente, a natureza o

deveria preparar para deixar este mundo e dar lugar a outros seres vivos.

Tinha dedicado a vida inteira a um sonho: o de ser caçador. Fora a sua existência em vão? Será que aquilo que achava antes tão nobre, não tivera nenhum propósito? Afinal, fora o instinto que fizera dele um caçador, apenas seguira o que a alma lhe pedira, esse sempre fora o seu lema, o seu Deus. Porque seria que por vezes achava que tudo o que fizera e vivera estava errado?

Eram pensamentos que o perseguiam... sacudiu a cabeça como se os quisesse mandar embora, colocou as duas mãos em concha à frente da boca e imitou o grunhir angustiada de uma porca.

A cria aproximou-se, curiosa, mas mal lhe captou o cheiro, fugiu. Junqueiro agachou-se e, com movimentos lentos, soltou a presa da armadilha; enquanto a levava de arrasto para casa, continuou a grunhir com suavidade. A cria seguiu-o. Falando ainda com os seus pensamentos, acrescentou:

– Espero que me perdoes, sei que não vou dar vida à tua mãe, nem mesmo conseguir substituí-la, mas pelo menos vou tentar ganhar-te a amizade, para que possamos fazer companhia um ao outro.

Quando chegou a casa, refastelou-se na cadeira de descanso. O porquinho ficou o resto da manhã parado, a olhar para ele. Depois, Junqueiro levantou-se, para continuar os afazeres do dia, e por vezes, enquanto andava de um lado para o outro, cruzavam os olhares, mas praticamente fingiam ignorar-se. Sem perceber bem o que lhe estava a acontecer, o pequeno facochero começou a persegui-lo à distância, talvez para lhe tentar compreender os movimentos, ou melhor, as intenções. De quando em vez, Junqueiro ajoelhava-se, para ganhar uma estatura mais baixa e não o assustar

com o desnível de tamanhos, e chamava-o. O seu pequeno amiguinho, desconfiado, sacudia o focinho, bufava das narinas duas ou três vezes e fugia assustado. Logo de seguida, marcava uma distância que lhe parecia segura, tornava a parar e fitava-o. Junqueiro levantava-se calmamente e, como quem não quer a coisa, continuava com o que estava a fazer.

Ao fim da tarde, o velho Junqueiro tornou a puxar a cadeira para a sombra do alpendre e sentou-se, com uma postura descontraída, a fim de não deixar transparecer nenhuma agressividade. Depois, semicerrou os olhos e espreitou-o de esquelha. De vez em quando, levantava a cabeça calmamente, olhava-o com ternura e grunhia com suavidade, para o consolar.

Foi um namoro que durou o dia inteiro. Assim que começou a escurecer, o seu novo amiguinho, rendido ao destino, muito a medo, aproximou-se e anichou-se entre as suas pernas. Junqueiro, para não o assustar, escondeu-lhe a atenção e deixou cair descontraidamente a mão em frente do focinho.



Aos poucos, com um ligeiro movimento, começou a acariciá-lo; tinha de lhe conquistar a confiança para o conseguir alimentar, caso contrário, se o pequeno facochero lhe rejeitasse a adoção, não se alimentaria e morreria de fome, ansiedade e angústia.

Mesmo depois de o sol se pôr, o calor continuou intenso e o suor ainda escorria pelo rosto do velho. Sentia-se cansado, a falar com a própria consciência. Aproveitando a réstia de luz do fim do dia, olhou demoradamente para a palma das mãos, como quem suporta um espelho, à procura de ver nelas refletido todo o tempo que passou, como se cada mão representasse uma das províncias onde tinha caçado: a esquerda, a de Niassa; e a direita, a de Cabo Delgado. Achava que tinha as mãos engelhadas, porque cada linha que o tempo lhe desenhara representava o trilho de cada elefante que abatera.

Não tinha sido aquela a vida que a mãe sonhara para ele; trabalhara incansavelmente para o ver formado, o pai quisera fazer dele um madeireiro, mas Junqueiro escolhera o próprio destino. Desde muito cedo que a paixão de caçar o enfeitiçara. Por também ele não ter seguido o futuro que os pais lhe tinham traçado, talvez compreendesse melhor a decisão dos filhos.

Com a naturalidade com que crescia, assim que o corpo começou a afrontar o coice e o peso de uma carabina de calibre maior, apenas as densas florestas de bambu passaram a ser as principais testemunhas das suas abnegadas caçadas. De 375 ao ombro e um cantil de água à cintura, o rasto dos elefantes eram o destino das suas longas caminhadas.

Mal o sol despontou, um tremor nos lábios do velho indicava que ainda conversava com os sonhos. Tinha

adormecido na cadeira e foram as barbas ásperas como arame do focinho do novo amigo que, ao roçarem-lhe nas pernas, o acordaram.

... O facochero cresceu e passou a fazer parte da sua vida, como animal de estimação. Só não o acompanhava quando ia ao mar. O velho Junqueiro costumava fazer-lhe festas no focinho, mas, apesar de ter aceitado a adoção, por vezes o odor corporal de Junqueiro fazia-o recordar o dia em que tinha perdido a progenitora; nessas alturas sacudia o nariz, dava duas ou três borbifadelas e fugia.

Junqueiro punha as mãos em concha em frente da boca, imitava o grunhir da progenitora e tornava a chamá-lo:

– Até Deus já me perdoou, por que razão tu também não te esqueces desse dia e me perdoas?

Junqueiro, em cada dia que passava, lutava contra a própria consciência, os remorsos queriam matar-lhe mais uma vida: a de caçador. Estaria a natureza a preparar-lhe o leito para se deitar? A prepará-lo para o descanso eterno? Ele sabia que no mato não há lugar para condescendências; quando o predador hesita, corre o risco de perder a vida sem piedade. São essas as leis da selva, ou se mata ou se morre.